

Maria Bernardete Ramos
Universidade Federal de Santa Catarina

Ao Brasil dos meus sonhos: feminismo e modernismo na utopia de Adalzira Bittencourt

Resumo: O texto associa o feminismo de Adalzira Bittencourt ao movimento modernista, tecendo relações entre sua utopia – não só de uma sociedade sob o poder das mulheres, mas também sua utopia de modernidade – e o sonho nacional que projetou a nação na década de 1920. Tece também relações entre o feminismo de Adalzira, na linha do Partido Republicano Feminino dos anos 1920 e 1930, e o discurso hegemônico que enfatizou a maternidade como missão da mulher no projeto de regeneração nacional, ou do cultivo da raça, sob as leis da eugenia ou da higiene que se espalharam pelo mundo ocidental.

Palavras-chave: feminismo, modernismo, eugenia, nacionalismo.

E o Brasil, com as botas de sete léguas, caminhou para o seu destino de glórias!¹

Coyright © 2002 by Revista Estudos Feministas

¹ BITTENCOURT, 1996, p. 172.

Adalzira Bittencourt nasceu em Bragança Paulista, em 1904. Professora, escritora, conferencista e ativista social, organizou o primeiro movimento pacifista brasileiro, a Liga Infantil Pró-Paz, e participou das atividades da Organização Pan-Americana no Brasil. Estudou Sociologia na Itália e Direito Internacional na Holanda e passou quatro anos em Buenos Aires. Em 1930, fixou-se no Rio de Janeiro, onde fundou o Lar da Criança. Como membro de várias comissões governamentais durante a ditadura de Getúlio Vargas, Bittencourt participou das decisões políticas referentes a exames médicos pré-nupciais, eutanásia, esterilização involuntária e aborto. Os estudos feministas recentes citam-na também como membro da Tribuna do Júri e como incansável defensora dos direitos legais das crianças. Durante sua viagem aos Estados Unidos, em 1939, Bittencourt visitou orfanatos, escolas públicas e juizados. Em seu tempo era reconhecida pelos nacionalistas pela sua atuação no campo da pedagogia.²

² Susan QUINLAN e Peggy SHARPE, 1996, p. 18-19; e Heloísa Buarque de HOLLANDA, 1992, p. 54-92.

Como escritora publicou contos, peças, romances e novelas e colaborou em jornais e revistas brasileiros. Entre suas obras figuram *Sua Excia. a presidente da República no ano de 2500* (romance publicado em 1929), *Mulheres e livros* (1948), *A mulher paulista na história* (1954), *Dicionário bio-bibliográfico de mulheres ilustres, notáveis e intelectuais do Brasil* (v. I, 1969, e v. II, 1970) e vários ensaios e livros de poesia. Da organização da Biblioteca Feminina de Letras no Rio de Janeiro resultou a I Exposição do Livro Feminino Brasileiro, no Hotel Palace, no Rio de Janeiro, em 1946, e a II Exposição, em São Paulo, em 1947.³

³ QUINLAN e SHARPE, 1996, p. 19.

Seguramente, sua melhor obra é o romance *Sua Excia. a presidente da República no ano de 2500*, cuja utopia narrada, como o título enuncia, projeta-se no ano de 2500. Nela, o feminismo vencera, e o Brasil é governado por uma mulher – doutora Mariângela de Albuquerque – de 28 anos. “Paulista. Diplomada em Medicina e em Direito. Esbelta. Olhos de veludo. Boca pequena e lindos dentes. Talento de escol. Cultura poliforma. Boa. Sensata. Meiga. Tipo de beleza, mulher perfeita.”⁴ Um descendente de Santos Dumont inventara um aparelho que fizera as pessoas crescerem: os homens até 2,40 metros de altura e as mulheres até 1,80 metro. Gordo, saudável e belo, o povo alcançara uma expectativa de vida que vai de 130 a 180 anos. E não fora só no físico que o brasileiro se agigantara. Também moralmente. Havia perfeita proporção entre o físico e o intelecto. Não havia mais analfabetos. O catecismo católico foi instituído como prioridade. As mulheres assumiram a sua grande missão de mãe. Evitavam a masculinização que grassava na sociedade, mas libertaram-se das roupas do século XIX e se tornaram modernas, higiênicas e produtivas. Fecharam-se as casas de prostituição. Criou-se a cadeira elétrica, criaram-se hanseniáticos. Instituíram-se a eutanásia e o exame pré-nupcial. A mendicância fora exterminada. Combateu-se todo tipo de vício. Os médicos foram chamados a participar da regeneração da raça! Centros de Saúde foram espalhados pelo país. A Polícia de Saúde selecionava os imigrantes e consentia que desembarcassem apenas os privilegiados por Deus. Os negros foram repatriados para a África e muitos portugueses também. A raça definiu-se! O Brasil crescerá! Já nada mais era importado. A vida, mesmo a cotidiana, era regida por grandes invenções tecnológicas. Tudo era brasileiro. A estética tomou conta de tudo! Toda feiúra fora removida! Não só as pessoas se tornaram belas. As cidades eram as mais modernas do mundo, sob a atuação das engenheiras. Galerias subterrâneas para esgoto, fiação elétrica, etc. Crematórios substituíram os cemitérios. Prédios, teatros, bibliotecas, magazines de luxo, restaurantes em carros aéreos. Casas voavam do interior para o mar e flutuavam sobre a água perto da praia. O mar foi levado a São Paulo. As favelas do Rio de

⁴ BITENCOURT, 1996, p. 161.

Janeiro transformaram-se em obra de arte. Ombreava-se, agora, no ano de 2500, aos países civilizados!

O romance utópico, desde sua invenção por Thomas Morus, vem recriando mundos alternativos – *eu-topos*, o bom lugar; *ou-topos*, lugar-nenhum. Mas a utopia, ao desejar no presente o futuro, talvez, mais que refletir sobre o ‘outro lugar’, nos sirva para pensar o presente no jogo do tempo: o passado/presente que se quer negar; o presente/presente cheio de promessas; o futuro/presente dos sonhos. “A utopia não é um tipo de lugar mas um tipo de tempo...”⁵ A representação da sociedade futura imaginada opõe-se à sociedade da existência *hic et nunc*, com suas mazelas, vícios, possibilidades, intrigas, sentidos, desejos, *realidades*... Dupla arquitetura: crítica social e projeto de transformação social. Os utopistas, conforme analisa Bronislaw Baczko, “não são profetas nem iluminados, mas sim ‘filósofos’ que inventam, que constroem, através de seu trabalho intelectual”, na relação múltipla e complexa com “as idéias, as letras, os movimentos sociais, as correntes ideológicas, o simbolismo e o imaginário coletivo”. Ela, a utopia, contribui para a cristalização de sonhos confusos – um esquema de interpretação e unificação das experiências sociais e do horizonte de expectativas, recusas, temores e esperanças que rodeiam aquele campo.⁶

Com o romance de Adalzira, entramos no terreno do imaginário social nas décadas de 1920 e 1930 no Brasil. O lugar da produção literária é o quadro onde se inscrevem as normas, os valores e a linguagem, com os quais um grupo social, legitimado pelo estatuto intelectual, faz uma representação de si e da sociedade,⁷ que, afinal, é a cultura política: um fenômeno, como aduz Daniel Pécaut, de “sociabilidade e uma adesão implícita a uma mesma leitura do real, no seio de uma categoria social específica – os intelectuais ou a camada intelectualizada”.⁸ Fazer a interpretação de um artefato cultural, no caso o romance utópico de Adalzira Bittencourt, nos enseja a compreender – inspirada na definição de cultura política de Jean-Pierre Rioux e Jean-François Sirinelli – “as motivações dos atos dos homens num momento de sua história, por referência ao sistema de valores, de normas, de crenças que partilham, em função da sua leitura do passado, das suas aspirações para o futuro, das suas representações da sociedade, do lugar que nele têm e da imagem que têm da felicidade”.⁹ Ademais, o ato de escrever, evocando Jacques Rancière, é a maneira de ocupar o sensível e de dar sentido a essa ocupação. “Não é porque a escrita é o instrumento do poder ou a via real do saber, em primeiro lugar, que ela é coisa política. Ela é coisa política porque seu gesto pertence à constituição estética da

⁵ Susan SONTAG, 2001, p. 205.

⁶ Bronislaw BACZKO, 1985p. 345-346.

⁷ Sobre o conceito de representação, ver: Roger CHARTIER, 1990.

⁸ Daniel PÉCAUT, 1990, p. 184.

⁹ Jean-Pierre RIOUX e Jean-François SIRINELLI, 1998, p. 362-363.

¹⁰ RANCIÈRE, 1995, p. 7.

¹¹ Entre tantos autores que têm tratado do projeto de modernidade nas décadas de 1920 e 1930 sob a atuação dos técnicos – médicos, engenheiros e educadores – ver, especialmente: Micael M. HERSCHMANN e Carlos A. M. PEREIRA, 1994; e Lília M. SCHWARCZ, 1993.

¹² Herschmann e Pereira consideram importante nuançar as diferenças entre os conceitos de moderno, modernização e modernismo, embora os três conceitos se imbriquem. No Brasil, o moderno é inerente ao debate intelectual travado nas décadas de 1920 e 1930, que redonda em questões de identidade cultural, na modernização à européia e na modernidade como a assimilação de um conjunto, nem sempre claro, de atitudes práticas e intelectuais, consideradas modernas, próprias para enfrentar a caminhada rumo ao progresso nos parâmetros dos países civilizados. O modernismo incluí o campo do estético, importante e influente, mas não o único, para a consolidação de um poderoso imaginário em torno de uma natureza supostamente nuclear da identidade nacional. Em comum, modernidade, modernização e modernismo possuem o fundamento de formar um Brasil *moderno*. HERSCHMANN e PEREIRA, 1994, p.14-18.

¹³ HERSCHMANN e PEREIRA, 1994, p.13.

¹⁴ Jesús MATÍN-BARBERO, 1997, p. 218.

¹⁵ CONGRESSO DE BRASILIADADE, 1941, p. 7.

comunidade e se presta, acima de tudo, a alegorizar essa constituição.”¹⁰

O Brasil utópico de Adalzir Bittencourt é a imaginação social ganhando *status* de realidade na escrita que circula como mais um artefato da modernidade brasileira, imaginação essairrigada pelo sonho de sua geração. No exercício intelectual do paradigma utópico, encontrou Adalzir o meio para pensar, criticar e propor alternativas para a sociedade, na relação com as políticas e sonhos de (trans)formação do Brasil. O projeto-paradigma moderno, dos anos 1920 e 1930, sob a atuação técnico-científica – da medicina (normatizando o corpo), da educação (conformando as “mentalidades”) e da engenharia (organizando o espaço)¹¹ –, transborda nas páginas de *Sua Excia. a presidente da República no ano de 2500*. As mudanças políticas e sociais, que se abriram com a emergência de um projeto de nação brasileira desde a abolição da escravatura (1888) e a proclamação da República (1889), e que ganharam força nas décadas de 1920 e 1930, aparecem com toda a ênfase na utopia de Adalzir. Essa utopia é um enredo que fixa o conjunto – modernismo, modernidade e modernização¹² – expresso no rol de questões/problemas fartamente tratados pelos intelectuais, capaz de mobilizar e orientar as reflexões da época, quando se convivia com o desenvolvimento de várias estratégias de construção de um novo ordenamento político-cultural nacional; com uma República que se debatia com os poderes regionais; e com a emergência de uma sociedade urbano-industrial. Concomitantemente, havia a geração literária de 1920 (a vanguarda modernista) – formuladora por excelência de uma síntese construída sobre o binômio *identidade-cultura* nacional.¹³ A moderna ficção utópica brasileira aborda e insere-se nessa agitação – a instabilidade política, a introdução da tecnologia moderna e as mudanças econômicas, a problemática da urbanização moderna. Desejava-se ser uma nação a fim de se obter uma identidade, mesmo que isso implicasse uma “*tradução* do discurso modernizador dos países hegemônicos, porque só nos termos desse discurso o esforço e os êxitos eram avaliáveis e validados como tais”.¹⁴

O *establishment* intelectual considerava que o povo brasileiro ainda não estava politicamente constituído e defendia, portanto, a criação de instituições que o forjasse, de forma a assegurar a unidade da nação – unidade étnica, histórica, política, geográfica, moral, econômica e financeira, social, patriótica, jurídica, cultural.¹⁵ Apesar das divergências – pois nem todos acatavam a prioridade do imperativo nacional ou aderiam a uma visão hierárquica da ordem social – existia consenso de que o caminho para o progresso passava pela ação das elites esclarecidas, que, agindo de cima, poderiam dar forma à sociedade. Embora relativamente autônoma diante

do Estado, a geração dos anos 1920 e 1930 acreditava no poder da ciência e da educação para transformar a sociedade.¹⁶

¹⁶ PÉCAULT, 1990, p. 22.

São Paulo, ambiente intelectual de Adalzira, era tido como o fulcro irradiador desse movimento e desse novo modo de civilização. Despertava o fascínio de uma “paulicéia desvairada”.¹⁷ A cidade era visualizada – em prosa, verso, pintura, fotografia – como lugar por excelência da modernidade brasileira. Imagens de cunho futurista alinhavam-se ao longo de inúmeros textos de propaganda das novas idéias, propondo, o mais das vezes, a equação São Paulo = cidade moderna = cultura nova: “as visões da cidade tentacular, da cidade em crescimento, da cidade industrial, da cidade acampamento, da cidade, enfim, moderna... Se o Rio de Janeiro era a capital política, São Paulo configurava-se nitidamente como a cidade líder da nação, como a capital moral do país novo em construção, avessa aos velhos cenários e aos velhos costumes do Brasil oitocentista e rural”.¹⁸ No Brasil utópico de Adalzira, a capital federal é São Paulo. “O Rio de Janeiro a cidade dos contos de fada. Lindo! São Paulo a *urbs* dos nababos. Assombroso!”.¹⁹

¹⁷ Entre outros, ver: Annateresa FABRIS, 1994; e Nicolau SEVCENKO, 1992.

¹⁸ FABRIS, 1994, p. 3.

¹⁹ FABRIS, 1994, p. 161.

O país perfeito de Adalzira, concebido em 1929, embute-se na cultura política brasileira da primeira metade do século XX. As idéias que Adalzira Bittencourt expressa em relação à raça, à maternidade, à eugenia, à classe, aos valores tradicionais e ao catolicismo fazem com que ela, além de se alinhar à primeira onda do feminismo brasileiro – que Susan Quinlan e Peggy Sharpe chegam a definir como “supernacionalista, fascista, fanática”,²⁰ com profundas implicações na formulação do Brasil moderno e na regeneração da raça, o que veremos mais adiante –, alinhe-se, enquanto escritora, ao lado do modernismo que contribuiu para a ascensão ao poder do regime autoritário do Estado Novo. Acrescente-se a isso o imaginário do bandeirantismo do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo; a idealização do interior pelo verde-amarelismo de Cassiano Ricardo e Plínio Salgado; o sonho de cosmopolitismo da *intelligentsia* paulista; o ufanismo do conde Afonso Celso. No seu país utópico, sob a idéia de uma paulista, mães partiam, como os 12 apóstolos ou como os bandeirantes, para ensinar a oração pelo Brasil:

²⁰ QUINLAN e SHARPE, 1996, p. 20.

O Brasil é grande. O Brasil é nosso! É preciso que cada brasileiro plante durante a vida mil árvores, sendo uma diferente da outra, ou que fabrique um objeto, aperfeiçoando-o dia a dia, a fim de conseguir a suprema felicidade nesta e na outra vida.²¹

²¹ BITTENCOURT, 1996, p. 171.

²² BITTENCOURT, 1996, p. 161.

E o interior tornou-se rico e desenvolvido. “No fundo do sertão de Goiás ou da Amazônia que há 560 anos era mata virgem, cheia de bugres antropófagos, se erguem agora cidades e vilas dos agricultores do interior”.²² Há cidades com prédios de 80 andares, teatros, bibliotecas, magazines de luxo, restaurantes em carros aéreos, etc. Quando os agricultores voltam da roça, em suas casas higiênicas, ouvem pelo rádio o que se canta no Rio de Janeiro, em Buenos Aires ou em Tóquio. Os “rudes trabalhadores”, nas colheitas, cantam trechos da última ópera lírica que acaba de surgir em Paris.

²³ BITTENCOURT, 1996, p. 171-172.

²⁴ Sobre o cenário moderno tecnológico e racional no Brasil, ver SEVCENKO, 1998, p. 7-48.

No seu nacionalismo verde-amarelismo, a modernidade incorpora o interior e a tradição, uma modernidade que lida em duas direções: a utópica, voltada para as transformações; e a mítica, para a perpetuação do *status quo*. Suas frutas de nomes indígenas – bacuri, imbu, ingá, macaranduba, caju, pitomba, sapoti, abricó, joá, gabiroba, jatobá, jataí, mangaba, araçá, jambo, goiaba, cajá, abacate, genipapo, cambucá, mureci, guaparanga, guabiju, abacaxi, jaca, araticum, melancia, carambola, mamão, caqui, jamelão, jabuticaba, abio, uvaia, maracujá, bacupari, guapeva, cambuci e tantas outras gostosuras brasileiras²³ – incorporam-se ao Brasil moderno, em um contexto futurista em que o culto do belo, da racionalidade, da velocidade e da tecnologia desperta o fascínio:²⁴ cinema falado, estradas de ferro, luz, bonde, telefone, gás, televisão, teleolfação, telegustação, teleaudição, transportes aéreos, radiotelegrafia, radiofotografia, colheitas mecânicas, alimentos em cápsulas, redes de esgoto, luz e água subterrâneas, etc. Os prédios da cidade, todos de arquitetura modernista, são claros, com paredes de cristal, de amianto, de mica ou de alumínio. O centro comercial das grandes cidades é coberto de vidro fosco, com uma altura de 300 a 700 metros e vias subterrâneas para os veículos, e as ruas de cima são revestidas com vidro para clarear as que estão por baixo. As favelas do Rio de Janeiro transformam-se em obra de arte. De jarrões suspensos por estátuas, jorram águas cristalinas que cintilam nos morros cobertos por trepadeiras das mais exóticas folhagens. Nas esquinas das cidades há elevadores para pedestres, de onde alçam vôos pequenos aparelhos que transportam as pessoas para os bondes. A população pobre, para voar de um lado a outro, usa um aparelho preso às costas com um motorzinho e duas asas. Para os que têm mais posses, há cadeirinhas no aparelho. Há também os aviões de luxo. Os prédios são cobertos com terraços para aterrissagem de carros aéreos. Há carros grandes para muitos passageiros e carros pequenos para uma só pessoa. Há balões enormes suspensos no ar que indicam mão e contramão do tráfego aéreo. As estradas de ferro que cortam todo o Brasil são eletrificadas. A velocidade futurista assume valor plástico. Os trilhos, de metal dourado, dão brilho e beleza extasiantes. “O viajante tem o

²⁵ BITTENCOURT, 1996, p. 189.

prazer em se alongar pela estrada que a locomotiva deixa atrás de si ou que ela vai engolindo na sua carreira vertiginosa.”²⁵ Há palácios, hotéis e hospitais aéreos ou flutuantes, com vistas maravilhosas. A alimentação nesses hotéis de luxo é em cápsulas. A eletricidade domina tudo. Há aparelhos para todos os lados. As casas são varridas, espanadas, lavadas, lustradas, desinfetadas e perfumadas a eletricidade. Fazem-se visitas amistosas ou de cerimônia às amigas, aos doentes, aos parentes que estão longe, aos que estão veraneando no espaço ou no mar, sem se afastar de casa. Depois de apurada a *toilette*, avisa-se pelo rádio a pessoa que se quer visitar. Esta abre o seu aparelho de televisão e vê a outra na sua sala, onde também há um aparelho em funcionamento. Vêem-se uma a outra, conversam, mostram objetos, tal como se estivessem juntas. Discutem o perfume que aspiram pelo teleolfacção ou o sabor dos doces que estão expostos diante do telegustação. Cantam, tocam piano, etc. Depois se despedem, só não podendo tocar as mãos, que na realidade estão muito distantes. Em compensação trocam beijos, que chegam com estalido e sabor.

Cruzamentos discursivos: modernismo e a questão racial no Brasil

Se é possível dizer que no Brasil as práticas eugênicas não alcançaram a mesma dimensão oficializada que tiveram na Alemanha, na Inglaterra e nos Estados Unidos, e que muitas de suas bases teóricas, aqui, foram rejeitadas, o discurso da eugenia foi amplamente assimilado pela *intelligentsia* brasileira, de forma que as idéias sobre saneamento, higiene e eugenia confundiram-se e imbricaram-se no projeto de regeneração nacional e ‘progresso’ do país. E as idéias eugênicas não foram exclusivas do meio médico. Foram profícuas entre educadores, jornalistas, escritores e outros.²⁶

²⁶ Ver SCHWARCZ, 1993.

Talvez, justamente, o interesse na interpretação do romance de Adalzira Bittencourt – ela ligada às atividades educacionais – esteja na possibilidade de entrarmos nesse terreno discursivo, político e cultural no qual emergiu sua utopia. Bronislaw Baszko, ao interpretar a *Utopia* de Thomas Morus, sustenta a tese de que “as condições de possibilidade da invenção do paradigma utópico são definidas pela emergência de um lugar específico onde o intelectual se instala para reivindicar o seu direito próprio a pensar, imaginar e criticar o social e, designadamente, o político”.²⁷ Esse direito e esse poder são legitimados pelo estatuto de intelectual que o autor detém, cuja imaginação é alimentada e guiada por esquemas racionais e saberes hegemônicos.

²⁷ BASZKO, 1985, p. 345.

Se, por um lado, se pode pensar em um certo caráter conservador do movimento feminista, no Brasil, na década de 1920, por privilegiar o papel da educação na formação da

mulher para o exercício da maternidade e para atividades profissionais aceitáveis para a condição feminina, especialmente o magistério, convém destacar, por outro, como bem afirma Beatriz Sarlo, que, no início do século XX, ser professora, atuação redentora da mulher, não era por isso redutora no seu contexto. No início do século XX, os professores eram intelectuais no sentido amplo sugerido por Antônio Gramsci. Em sociedades que estavam passando por processos complexos de modernização, urbanização e incorporação de imigrantes, a escola como instituição de reprodução e imposição de ideologia nacional tinha uma importância que não podia ser subestimada. As mulheres, após sua experiência em sala de aula e freqüentemente nos níveis intermediários de direção e administração do sistema educacional em países como Chile e Argentina, haviam obtido um certo grau de independência e autoconfiança e, acima de tudo, estavam convencidas de sua importância como comunicadoras e organizadoras sociais.²⁸ “Por meio das estratégias de educação e do modelo pedagógico, a vanguarda do movimento feminino adotou um papel consentido e, ao mesmo tempo, modificou-o num processo de ressignificação e refuncionalização.”²⁹

²⁸ Beatriz SARLO, 1997, p. 176.

²⁹ SARLO, 1997, p. 179.

³⁰ Sobre o tema, ver: Miriam L. M. LEITE, 1984; Branca M. ALVES, 1980; Maria A. A. TELES, 1993; June E. HAHNER, 1978; Nísia FLORESTA, 1989; e Branca M. ALVES e Jacqueline PITANGUY, 1982.

Relativamente, as mulheres expressavam uma nova situação, superando condições tradicionais dentro da casa e no interior da família.³⁰ Embora, em alguns aspectos, o movimento sufragista venha acompanhado de um discurso conservador, em vários outros, os objetivos ultrapassavam a luta pelo voto: demanda por iguais oportunidades educacionais e políticas, maiores salários, menos horas de trabalho, condições de higiene e segurança nas fábricas, assistência hospitalar, seguro-acidente, férias remuneradas, enfim, toda a gama de reivindicações dos trabalhadores masculinos. Isso denota a ativa participação de mulheres no mercado de trabalho, fora da esfera do lar. A crescente industrialização abriu-lhes oportunidade de emprego na indústria, no comércio, nos serviços, na administração. A realidade econômica veio, aos poucos, rompendo com a dedicação exclusiva da mulher ao lar, especialmente a de classe média, levando-a a participar do mundo exterior de forma um tanto contundente e, talvez, assustadora para os que não viam com bons olhos essas novas Evas reivindicando democracia sexual.³¹ Se o nacionalismo moderno, com seu matiz fascista, mobilizou os desejos femininos na direção do Estado intervencionista autoritário, não pôde, no entanto, a despeito do reforço do papel maternal, bloquear a entrada das mulheres no domínio público da nação. Se no século XIX, as obrigações cívicas, a dedicação aos deveres patrióticos, a cidadania, eram valores masculinos; se para a manutenção da nação exigia-se a habilitação do soldado-cidadão; se à mulher cabia o domínio do privado e da intimidade do lar, para construir a civilidade burguesa, agora,

³¹ Convém lembrar que, em épocas anteriores, encontramos muitas mulheres também atuando fora do âmbito doméstico, principalmente as pobres que, na maioria das vezes, tiveram que prover o sustento da família.

a missão de cuidar dos filhos vinha sob o manto do civismo e da política pública nacional.

Interpretando-se, portanto, a utopia de Bittencourt em todas as suas relações, políticas e culturais, múltiplas e complexas, sem fronteiras que pudessem delimitar o campo da ficção e o da realidade, não se estranhará a construção feminina abordada nos moldes de *Sua Excia. a presidente da República no ano de 2500*, cuja narrativa faz coro com as vozes masculinas, nas tonalidades das de Oliveira Viana, Nina Rodrigues, Afrânio Peixoto, Renato Kehl, Monteiro Lobato, Plínio Salgado e tantos outros eugenistas, todos nacionalistas, e alguns deles também associados ao movimento modernista brasileiro. Apesar de posições teóricas, às vezes, divergentes quanto à formulação para a questão racial, há em comum entre eles o sonho do Brasil moderno através da criação do fenótipo branco e do 'caráter' nacional, de cariz ocidental. O problema nacional fora, portanto, formulado na perspectiva racial, o que não é, porém, muito estranho, pois até pouco antes da Segunda Grande Guerra, em todo o mundo ocidental, era dinâmico e prolífero o debate nacionalista associado ao racismo.³² Havia um *engagement massif* em torno da eugenia na Europa, especialmente no Norte, e nos Estados Unidos.³³ Legislações e organizações eugênicas apareceram em países como Itália, França, Japão, União Soviética, Suécia, Peru e Austrália, embora os estudos sobre eugenia raramente reflitam esse fato. A atenção se tem voltado mais para Grã-Bretanha, Estados Unidos e Alemanha, cujo apogeu deu-se com o nazismo.³⁴ Na América Latina, o Brasil liderou em termos de questões biomédicas e ciências sanitárias.³⁵

O nacionalismo, com seu cortejo de práticas e discursos – militarismo, industrialismo, racismo –, que se instaurou no Ocidente no período que vai da segunda metade do século XIX até os regimes fascistas e Estado-novistas, de modo geral, embora não da mesma forma e nem na mesma intensidade, constituiu a chamada *era das etnias*,³⁶ época de criação e afirmação das nações modernas. A nação confundiu-se com a raça, e esta, qualificada e classificada pela estética do corpo e do caráter do indivíduo, configurava o *status* do progresso e do desenvolvimento nacional.

O aumento da população urbana e conseqüentes questões sociais, a visão dos mutilados de guerra, a epidemia da gripe espanhola, etc. provocaram a sensação da 'degeneração racial', cuja resposta respaldava-se nas teorias raciais do século XIX, embora estas já não possuíssem a mesma credibilidade científica. Na década de 1920, os investimentos em torno da eugenia ganharam fôlego. Em vários países, notadamente na Alemanha, na Inglaterra e nos Estados Unidos, o discurso da 'degeneração racial' transformara-se em vários

³² Maria Bernardete R. FLORES, 2000.

³³ Cf. Elazar BARKAN, 1992, p. 16.

³⁴ Nancy L. STEFAN, 1991, p. 2.

³⁵ STEFAN, 1991, p. 15.

³⁶ Cf. Anthony D. SMITH, 1997.

³⁷ Nélio M. V. BIZZO, 1994, p. 96.

³⁸ BIZZO, 1994, p. 91.

³⁹ BIZZO, 1994, p. 87.

⁴⁰ BIZZO, 1994, p. 97.

⁴¹ BIZZO, 1994, p. 99.

⁴² BOLETIM DE EUGENIA, 1929, p. 3.

⁴³ José Luis B. BEIRED, 1996.

programas político-institucionais, cuja aplicação prática passava a ser imprescindível para a “salvação da nação”.³⁷ Em 1925, *Mein Kampf* fora publicado; *Hereditary Genius*, reeditado; algumas profecias anunciadas por Spencer, Wallace, os Darwin e, sobretudo, Haeckel; e as Ligas Monistas tiveram sua reentrada no cenário político-literário.³⁸ Leonard Darwin, filho de Charles Darwin, dividia seu tempo entre combater a legislação de amparo aos pobres e promover a instalação de leis eugênicas já praticadas na América. Não só se tornara o líder do movimento eugênico na Grã-Bretanha, como também fora eleito presidente da Federação Internacional das Sociedades Eugênicas, em 1921. Em 1926, com a sociedade para a Educação Eugênica transformada em herdeira da Sociedade de Eugenia, fundada em 1907, Leonard Darwin publicou o Tratado *The Need of Eugenic Reform*, concluindo: “Se a raça está se deteriorando por causa da elevada taxa de multiplicação dos tipos mal-adaptados... o Estado tem o dever de evitar a procriação...”.³⁹

Se no Brasil, país católico, as práticas eugênicas – esterilização, proibições de casamentos, aborto, eutanásia, etc. – não tiveram dimensões comparáveis ao contexto europeu e norte-americano, em termos oficiais, a noção de melhoramento racial da população miscigenada acionou a *intelligentsia* brasileira, impulsionando médicos, sociólogos, antropólogos e educadores a se dedicarem exaustivamente ao tema. Prosperaram os debates e as iniciativas de entidades não-governamentais, atuantes *lobbistas* junto ao Congresso. A Sociedade Eugênica de São Paulo fora fundada no dia 15 de novembro (data simbólica) de 1918, sob a égide da discussão para alterar o artigo 183-IV do Código Civil, o qual impedia o matrimônio de consangüíneos até o terceiro grau.⁴⁰ Em 1930, criou-se a Comissão Central Brasileira para o Estudo e Propaganda da Eugenia, que procurou influir na constituinte de 1934, tendo recomendado facilidades para casamentos precoces entre indivíduos considerados eugenizados e proibição de união entre degenerados; seleção eugênica dos candidatos aos cursos superiores e cargos públicos; implantação de educação eugênica em todos os níveis de ensino.⁴¹ No *Boletim de Eugenia* circulou um concurso de eugenia, no qual três brasileiras⁴² foram as vencedoras. Discutia-se não só o aspecto do próprio corpo, mas especialmente dos antepassados em relação às histórias familiares de doenças mentais, taras, sífilis, tuberculose, lepra, homossexualismo, prostituição, alcoolismo, assassinato e homicídio.

A *intelligentsia* brasileira, posicionada à “direita nacionalista”,⁴³ embora reconhecesse que não havia uma “raça brasileira” a preservar, era clara a imagem do que se devia evitar: um *conjunto de taras*, consideradas obstáculos ao

⁴⁴ CONGRESSO BRASILEIRO DE EUGENIA, 1941.

desenvolvimento nacional. Era claro também o meio de saná-lo: uma política cultural que aperfeiçoasse o povo brasileiro sob o tripé saúde–força–beleza.⁴⁴ Entre a intelectualidade nacionalista era imenso o sentimento de necessidade de construção de um futuro a partir de um povo e de uma nação ainda em estado embrionário. No fundo era preciso *criar* a nação brasileira. A alternativa para o Brasil estava posta no futuro, pois entendia-se que no passado as raças e o meio geográfico tinham sido pouco pródigos para suprir os pré-requisitos para a consolidação da nacionalidade, sempre entendida como uma evolução. Era preciso superar os *déficits* do nosso desenvolvimento enquanto nacionalidade, repleta de obstáculos de todos os gêneros – heterogeneidade étnica, falta de unidade econômica e cultural, cosmopolitismo, federalismo e regionalismo político compunham um quadro de males que exigiam mudanças.⁴⁵ Alberto Torres, Oliveira Vianna, Azevedo Amaral e Francisco Campos, intelectuais que participaram ativamente da vida pública, com passagens importantes em diversos governos, foram os principais teorizadores desse ‘sistema ideológico’. Os intelectuais católicos formaram outra corrente, que interveio de modo organizado a partir dos anos 1920 em prol da Igreja e das idéias católicas, com a criação da revista *A Ordem* e do Centro Dom Vital. A terceira grande corrente intelectual da época, e também a mais radical, foi o integralismo.⁴⁶

⁴⁵ BEIRED, 1996, p. 253.

⁴⁶ BEIRED, 1996, p. 40-43.

Como já foi amplamente mostrado na historiografia brasileira, na corrente literária verde-amarelismo encontram-se os germes da doutrina integralista. Próxima dela ou por dentro dela transitaram muitos dos colaboradores do governo de Getúlio Vargas. A crença na eficácia do discurso era a marca do verde-amarelismo, cuja retórica edificou uma visão de mundo e um conjunto de idéias mais ou menos sistemático que justificasse sua ação política.⁴⁷

⁴⁷ Gilberto VASCONCELLOS, 1979, p. 83.

A estética modernista como movimento que propalou sua independência em relação ao passado colonial e às influências externas consolidara, contudo, o sonho da criação de uma identidade nacional, imbricada à problemática da formação do povo brasileiro. “Em grande medida, os ‘retratos do Brasil’ que hoje ainda nos orientam (apesar da evidência cada vez maior de uma situação de crise e de esfacelamento) foram produzidos e se consolidaram no contexto da hegemonia das questões e perspectivas privilegiadas pelo debate modernista.”⁴⁸ À direita ou à esquerda, a idéia central do modernismo era a da identidade nacional, o que demonstra que não havia total ruptura com o passado colonial. Guilherme de Almeida, um dos primeiros e mais atuantes idealizadores da

⁴⁸ HERSCHMANN e PEREIRA, 1994, p. 18.

Semana de Arte Moderna, viveu o drama da conciliação estética do novo com o velho. O imagístico verde-amarelismo de Plínio Salgado domina todo o poema de Guilherme de Almeida *A Raça*, de 1925, dedicada ao sabor nacionalista do modernismo brasileiro, pela assimilação das três raças. Nas palavras de Ledo Ivo, em um texto anexado à obra republicada em 1972: “Ao Brasil antropofágico e catequizado de um modernismo que tanto valorizou as devorações e comilanças, opõe Guilherme de Almeida, em *Raça*, o espetáculo de um Brasil prudente e conciliador, que, em vez de devorar, opta pelas transfusões serenas e intermináveis, fiel ao seu propalado papel civilizador e à destinação de ocidentalidade, sem embargo da contribuição berrante dos seus papagaios, macumbas e matos virgens”.⁴⁹

⁴⁹ IVO, 1972, p. XLII.

Portanto, se no modernismo encontramos a imaginação e a experimentação literária inovadora, encontramos também vozes de gerações passadas, a utopia da formação do povo brasileiro com os pressupostos raciais, a xenofobia, o ufanismo. Em algumas versões, o modernismo aproximou-se do irracionalismo nacionalista e autoritário europeu, o que faz com que obras de Plínio Salgado (de orientação fascista) fossem contempladas como modernistas, ao lado de um Oswald de Andrade (de orientação comunista). Cabe lembrar que o que preponderou no autoritarismo brasileiro não foi a busca das raízes mais populares e vitais do povo, que caracterizara a preocupação de Mário de Andrade, e sim a tentativa de fazer do catolicismo tradicional e do culto dos símbolos e líderes da pátria a base mítica do Estado forte que se tratava de construir.⁵⁰

⁵⁰ Simon SCHWARTZMAN, 1984, p. 80.

Segundo Gilberto Vasconcellos, entre os modernistas mais críticos, o nacionalismo revestiu-se de um caráter lúdico – reação natural ao mimetismo que, até então, perseguia as manifestações intelectuais no Brasil – e não descambou para o terreno do xenofobismo. No caso de Mário de Andrade, o nacionalismo assumiu caráter provisório, ponto de partida; não ponto de chegada. Em Mário de Andrade e Oswald de Andrade, a importação das vanguardas européias harmoniza-se ao pressuposto de 22: conhecer e expressar a realidade do país. No verde-amarelismo, ao contrário, o nacionalismo literário nasce e permanece ideologizado de ponta a ponta.⁵¹

⁵¹ VASCONCELLOS, 1979, p. 87.

As idéias de raça, o desejo de branqueamento, o respeito aos valores tradicionais, o catolicismo, a atuação positiva no campo educacional, a crença no governo técnico-científico para aperfeiçoar o brasileiro e o nacionalismo de Adalzir Bittencourt apontam para sua inserção na vertente do modernismo que contribuiu para a ascensão ao poder do regime autoritário do Estado Novo. O Brasil sonhado por Adalzir em *Sua Excia...* é a imaginação da superioridade eugênica. O

governo, sob o poder das mulheres, fortalecera a raça a ponto de embranquecê-la totalmente; tornou a educação obrigatória; implantou medidas saneadoras; determinou que os tuberculosos fossem esterilizados; os leprosos, exterminados sumariamente; determinou a eutanásia nos casos de deformidades física e mental; tornou obrigatório o exame pré-nupcial; instituiu o concurso de eugenia; determinou que os setores da população que tivessem de 1% a 20% de sangue africano foram deportados para a África. O padrão de brasilidade, definido, alcançara o mais alto grau de beleza.

As temáticas das décadas de 1920 e 1930 – nacionalismo, brasilidade, modernidade, feminismo – compõem, portanto, o enredo da utopia *Sua Excia. a presidente da República no ano de 2500*. Sua visão utópica de Brasil perfeito contempla a melhoria da raça pela aplicação das leis da eugenia utilizadas na Alemanha nazista. Postas em prática as leis eugênicas, galteanas ou lamarkianas, sob o governo da paulista Mariângela de Albuquerque, o futuro da raça fora garantida para formar a brasilidade branca, forte e saudável. Eis alguns dos artigos da lei que regia a seleção eugênica do país governado por Mariângela Albuquerque:

Art. 6º – O médico chamado para examinar um recém-nascido deverá primeiramente constatar ser o mesmo fisicamente perfeito. Em seguida deverá pesá-lo, fotografá-lo e medi-lo.

Parágrafo 1º – Se for fisicamente perfeito poderá entregá-lo aos cuidados dos pais.

Parágrafo 2º – No caso de encontrar defeito físico incorrigível com os moderníssimos aparelhos ortopédicos, deverá levá-lo imediatamente para o Centro de Saúde e Higiene a fim de ser objeto de estudo, e dentro de 3 dias deverá ser exterminado.

Art. 12º – A mãe que ocultar um filho aleijado a fim de não ser legalmente exterminado, em benefício da eugenia da raça, ao ser descoberta será decapitada com o filho.⁵²

⁵² BITTENCOURT, 1996, p. 167.

Nas mães era depositada toda a responsabilidade da regeneração da raça, enfatizando-se o papel conservador da mulher enquanto progenitora dos filhos da nação. O nacionalismo xenófobo de Adalzira prevê restrições à imigração, fechamento das portas para o mercado estrangeiro tanto de mercadorias como de tecnologia – tudo era brasileiro. Seu nacionalismo ufanista vê o futuro do Brasil como o “mais forte, mais belo e o mais rico”, onde viviam “os maiores cientistas, os inventores das coisas que assombravam o mundo, os financistas, os artistas, os literatos, os oradores, os jornalistas, os estadistas, os industriais de fama mundial”.⁵³ Enfim, Adalzira comunga daqueles aspectos mais reacionários do nacionalismo de direita, presentes também no movimento de 22.

⁵³ BITTENCOURT, 1996, p. 160.

Feminismo e modernidade

No Brasil, no início do século XX, a 'questão feminina' girava em torno da maneira como as feministas discutiam a identidade feminina moderna, capaz de participar de uma esfera pública que se definia com o crescimento econômico e a modernização das cidades, a industrialização e a imigração européia, e fundamentalmente com a fundação da República e da noção de cidadania. Em 1910, a professora Deolinda Daltro funda, no Rio de Janeiro, o Partido Republicano Feminino, com o objetivo de ressuscitar no Congresso Nacional o debate sobre o voto da mulher, que não havia sido retomado desde a Assembléia Constituinte de 1891. Em 1919, Bertha Lutz funda a Liga pela Emancipação Internacional da Mulher, posteriormente denominada Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, organização que levará adiante a luta pelo sufrágio.

⁵⁴ Ver LEITE, 1984, p. 40.

Embora houvesse diferenças entre os vários movimentos feministas que emergem na década de 1920,⁵⁴ tratava-se de reerguer a mulher, moral e intelectualmente, pela educação. As anarquistas, com práticas e políticas específicas, procuravam conscientizar as mulheres sobre a desigualdade social e apontar-lhes os rumos de superação. O debate sobre a educação servia-lhes para denunciar as péssimas condições de trabalho, a ausência de assistência pública, os baixos salários, e para orientar as trabalhadoras nas técnicas associativas de resistência e sindicatos. Para os demais movimentos feministas, de tradição positivista na medida em que abrigavam influências do pensamento de Comte – homens e mulheres deveriam assumir seus respectivos papéis na sociedade –, a educação servia para mostrar à mulher, especialmente às de elite, seu papel na regeneração moral do Brasil.⁵⁵ No geral, sob o ideal de “mãe civilizadora”, procurava-se dignificar e politizar a maternidade, considerando-se que o que estava em jogo era a formação do novo homem da sociedade libertária para as anarquistas, ou a formação da pátria para as outras.

⁵⁵ Margareth RAGO, 1995/1996, p. 20.

Para além do sufrágio, portanto, essas organizações feministas tinham por objetivo promover a educação da mulher e elevar o nível de instrução feminina; proteger as mães e a infância; obter garantias legislativas e práticas para o trabalho feminino; auxiliar as boas iniciativas da mulher e orientá-la na escolha de uma profissão; estimular o espírito de sociabilidade e cooperação entre as mulheres e interessá-las pelas questões sociais e de alcance público; assegurar à mulher direitos políticos e prepará-la para o exercício inteligente desses direitos. Enfim, defendia-se a construção da nova mulher, nesse imaginário, de um lado, pela definição dos espaços públicos e sociais – as categorias profissionais, os cargos públicos, as universidades – onde a mulher deveria se fazer presente, para

⁵⁶ RAGO, 1995/1996, p. 22-24.

além do mundo doméstico,⁵⁶ e, de outro, como esposa-mãe-dona de casa instruída.

⁵⁷ Bárbara HELLER, 2001.

De uma forma geral, as revistas femininas divulgavam, por um lado, a prática da filantropia, a disseminação dos bons costumes e de princípios moralizantes; por outro, inseriam a temática da adesão de mulheres brasileiras na vida pública, a necessidade da conquista do voto feminino e da escolarização feminina.⁵⁷ Mas a tônica central era preparar, organizar e conscientizar a 'mulher brasileira moderna' que, pela educação, inseria-se no mercado de trabalho, teria uma carreira profissional, e seria instruída e competente na sua grande missão: a maternidade. A *Revista Feminina*, com ampla circulação nacional – entre 1914 e 1936 –, rejeitava o feminismo revolucionário anárquico, que pretendia, segundo Bárbara Heller, subverter o equilíbrio das nações e masculinizar a mulher. Lutando veementemente pelo direito do voto e pela educação, acreditava que a mulher deveria continuar sendo “a dona efetiva do lar”, conclamando-a para que tivesse o direito de pensar e concorrer mais diretamente para o aperfeiçoamento moral da sociedade. Os artigos publicados na *Revista* revelam, portanto, que as mulheres desejavam participar da construção da sociedade moderna no país, redefinindo o ideal de feminilidade e, por conseguinte, de masculinidade, o modelo vigente de família, assim como interferindo na construção dos códigos de sociabilidade e na moral sexual.⁵⁸

⁵⁸ RAGO, 1995/1996, p. 22-24.

O feminismo de Bittencourt encontra-se nessa linha do feminismo das décadas de 1920 e 1930. As bases de seu país utópico estão na educação da mulher. A conquista da igualdade dá-se através do reconhecimento de sua grande responsabilidade perante a nação – a maternidade. Embora insira, no país do futuro, a legalidade do aborto para casos de estupro e má-formação de feto; o divórcio; a co-educação – meninas e meninos sentados juntos nos bancos escolares; a educação para as meninas de forma a se tornarem ágeis, dinâmicas, preparadas para a vida moderna; o casamento temporário e a procriação fora do casamento nas Casas das Princesas; e, especialmente, avance em relação às idéias comteanas, ao argumentar que as mulheres podem contribuir para o futuro da sociedade moderna com seus saberes técnicos, científicos e profissionais, prevê a manutenção de bordéis – formado por mulheres estrangeiras e esterilizadas – como forma de manter a pureza das famílias e prover os homens nas suas 'necessidades naturais' de ligações extraconjugais. É ela – a mulher – quem prima pela virtude e pureza da sociedade.

A instituição imaginária de sua sociedade perfeita fundamenta-se em um sistema feminino em que as mulheres uniriam o seu papel tradicional a uma carreira profissional. Seu feminismo, na tendência do Partido Republicano Feminino, faz crítica ao feminismo de tendência anarquista e o combate, ou

pelo menos a imagem que se tornou pública de que o movimento feminista seria “de uma minoria de mulheres masculinizadas e estéreis, que não sabiam direito o que queriam”.⁵⁹

⁵⁹ LEITE, 1984, p. 43.

O feminismo... É colocar a mulher no seu lugar. Levar-lhe aí os seus direitos, pois que ela deve intervir positivamente nos assuntos políticos, nas finanças, nos negócios, a fim de garantir com mais eficiência o esteio forte da família e do lar. Ela deve ensinar aos filhos o caminho reto do dever, a aplicação de patrimônios, a honestidade e a justiça...⁶⁰

⁶⁰ BITTENCOURT, 1996, p. 176-177.

Ser mãe é a mais bela, a mais nobre e a mais grandiosa missão da mulher. Ser mãe é ser deusa. É ser rainha. Quantas mulheres não se julgariam imensamente felizes se ouvissem uma boquinha rósea chamar-lhe – “mamãe”. E dizer-se que há mulheres que se envergonham de ser mãe! Que proibem as filhas de chamá-las em público de “mãe” temendo parecer velhas! Contra essas mulheres as feministas deveriam se levantar. Essas sim, são anti-feministas embora se interessem por direitos políticos, pelo sufrágio feminino, embora façam *meetings* e escrevam para os jornais sobre emancipação feminina e outros assuntos sociais; são anti-feministas porque se envergonham do papel principal que lhes cabe no grande cenário do mundo.⁶¹

⁶¹ BITTENCOURT, 1996, p. 184.

São também anti-feministas as mulheres que se masculinizam em seus trajes. As que clamam contra os enfeites e as vaidades tão da índole da mulher. [...] O pó de arroz, o rouge, os batons, os cremes, os perfumes, as águas de toilette, os óleos, as brilhantinas, os preparados para os banhos [...] ser feminista não é banir essas “futilidades” [...]. Deve se enfeitar para ser agradável aos olhos do seu marido, do seu noivo [...]. A mulher deve ter o maior culto do Belo e a mais ampla noção da Estética.⁶²

⁶² BITTENCOURT, 1996, p. 186.

No país sonhado por Adalzir Bittencourt, as mulheres, para se casar, deveriam possuir, além dos papéis comuns e do atestado do exame pré-nupcial, um diploma da Escola das Mães. Cursos de puericultura, eugenia, frenologia, higiene, pedagogia, filosofia, psicologia infantil, elementos de terapêutica e de direito de família, história da mulher, sua evolução através dos séculos, biografia das mulheres notáveis do mundo, especialmente das brasileiras, faziam parte do aprendizado na Escola das Mães. O objetivo: ensinar à mulher a sua missão social; a sua missão no lar; a sua missão política; a sua missão de esposa e mãe.

No curso de puericultura, as alunas aprenderão a cuidar de um bebê. O banho, no qual se começam as primeiras ginásticas. Nos primeiros banhos começaremos a moldar o corpinho, a afilar o narizinho, a arredondar a cabeça, etc. Há tanta gente arcada, de peito comprimido, de pernas

⁶³ BITTENCOURT, 1996, p. 175.

retorcidas. São defeitos que as mães corrigirão no bebê pequenino, desde os primeiros dias nascidos.⁶³

Ela, a mãe, deveria ser a modeladora da alma do filho. Ensinar a amar as flores, as folhas, os insetos, os animais, as plantas. Incrementar no homem o amor à agricultura e à indústria. Amoldar as inteligências. Formar-lhes a moral e o caráter. "E por aí afora as mães eram obrigadas a ser mães."⁶⁴ Na Escola de Mães, a mestra deve fazer renascer em suas jovens discípulas a tradição de que a mulher deve saber que a mais bela missão que tem sobre a terra é a de ser mãe.

⁶⁴ BITTENCOURT, 1996, p. 167.

A criança deve ser a menina dos olhos da mãe (...)
 Implantar na alma da criança o sentimento do amor, o temor de Deus (...)
 Ensinar a criança a dizer sempre a verdade (...)
 Ensinar-lhe a não se apossar de algo indevido (...)
 A gulodice é o pior dos vícios (...)
 Não inculcar o medo (...)
 Ensinar-lhe o catecismo (...)
 A criança precisa brincar ao sol (...)
 Passar algumas horas descalça, em contato com a natureza (...)
As mães são responsáveis pelos homens de amanhã. Sairá do seu colo o político, o legislador, os governantes e estadistas, os médicos, os professores, os filósofos, como também o ladrão, o assassino, o cáften e o bandido (...)
*A escola lombrosiana diz que há criminosos natos. No entanto pode-se assegurar que o ambiente amparará grandemente esses criminosos (...)*⁶⁵

⁶⁵ BITTENCOURT, 1996, p. 179-182. Grifos meus para enfatizar as afirmações de Adalzir Bittencourt.

Além de aprenderem a ser 'verdadeiras' mães, deveriam aprender a ser também 'verdadeiras' esposas.

– Meninas: é preciso educar nossos filhos na escola dos nossos antepassados porque a dos maridos de hoje está em decadência proporcional à moral do século. A culpa é só do homem. É preciso que a mulher se desdobre em atividades para poder com os seus próprios recursos incline a sociedade corrompida pelo homem. A política corrompida pelo homem. Os governos corrompidos. A vida corrompida...
 – A nossa nobre professora prega com essa doutrina guerra aberta, ódio e desprezo aos homens? Nós somos noivas, vamos nos casar, e devemos ouvir e aprender a odiar aquele a quem vamos confiar a nossa vida e unir nossos destinos? Aqui viemos para aprender a amar ou aprender a odiar?
 A professora sorriu e respondeu:
 – Aqui veio, não para aprender a amar, porque amar já devia saber quando aqui entrou. Já deve amar aquele a quem vai unir o seu destino. Já deve amá-lo com a maior cegueira. Cegueira necessária, porque só se deve amar a esse e ficar completamente cega para todos os outros homens do mundo.
 É preciso saber que casar é juntar duas criaturas de sexo

diferente para que se completem, se amem, se auxiliem, se respeitem mutuamente.

A mulher deve ser a musa inspiradora, a conselheira, a companheira, a amiga, a enfermeira, a amante e confidente do marido. (Dar-lhe o amor de mãe, pois todo homem sente falta dos carinhos de sua velha mãe; dar-lhe o amor que satisfaça o pequeno demônio travesso que lhe desperta a necessidade de ouvir loucuras de uma mulher espoletada, alegre e sensual...)⁶⁶

⁶⁶ BITTENCOURT, 1996, p. 178.

⁶⁷ Monteiro LOBATO, 1945.

Sua Excia... e O presidente negro,⁶⁷ ou feminismo x antifeminismo

A história da oposição dos homens à emancipação das mulheres é talvez mais interessante do que a própria emancipação das mulheres, dissera certa vez Virginia Woolf.⁶⁸

⁶⁸ Cf. Michelle PERROT, 1995, p. 8.

O romance *Sua Excia. a presidente da República no ano de 2500*, em termos do imaginário coetâneo, emparelha-se a *O presidente negro ou o choque das raças: romance americano do ano 2228*, de Monteiro Lobato, publicado em 1926, embora o romance de Adalzira Bittencourt não tenha recebido o mesmo respaldo crítico.⁶⁹ Falar de literatura escrita por mulheres é tocar em textos pouco conhecidos e, às vezes, completamente ignorados pelo cânone.⁷⁰ Mas, na verdade, segundo Heloísa Buarque de Holanda, em São Paulo, à época do modernismo, mulheres de elite se tornaram, até mesmo, promotoras de produção literária de ponta e, de certa forma, exerceram influência no mercado literário. São inúmeros os casos de criação de academias femininas, criadas à margem da política de seleção praticada pela Academia Brasileira de Letras. Adalzira Bittencourt fundou, no Rio de Janeiro, a primeira Academia de Letras do estado.⁷¹

⁶⁹ QUINLAN e SHARPE, 1996, p. 20.

⁷⁰ HOLLANDA, 1992, p. 57.

⁷¹ HOLLANDA, 1992, p. 70-71.

E Monteiro Lobato, figura emblemática no contexto do projeto do Brasil moderno, a despeito de seu posicionamento contrário ao modernismo, apreciou o romance de Adalzira. Assim se expressara: "... que maravilha não será, a avaliar pelo quadro rápido que você pinta! Que delícia viver no ano de 2500! Mas quanta audácia, menina! Onde descobriu você tais reservas de coragem para arrostar todos os preconceitos e propugnar medidas maravilhosas... Parabéns. Você é muito maior do que eu suponha..."⁷² Em alguma dimensão da cultura política, Adalzira Bittencourt e Monteiro Lobato dialogavam.

⁷² "Algumas apreciações sobre *Sua Excia...*". In: QUINLAN e SHARPE, 1996, p. 213.

⁷³ Nas palavras do apresentador da edição de 1945.

O presidente negro ou o choque das raças: romance americano do ano 2228 "trata do concerto do mundo pela eugenia".⁷³ Na obra, Monteiro Lobato cria uma ficção, onde o professor Benson e sua filha Miss Jane constroem um aparelho de corrente contínua, com base nos fundamentos hegelianos, em que nele tudo estava impresso, o passado, o presente e o futuro. Bastava sintonizá-lo em um corte anatômico temporal e espacial para visualizar em imagens reais o que nele estava

escrito ou viria a ser escrito pela história. A trama da narrativa passa-se, então, no futuro, no ano de 2228, na sociedade norte-americana. Sob a aplicação das Leis Eugênicas de Galton e restrições à emigração, o Ministério de Seleção Artificial promovera a mais impressionante qualidade humana. Admiráveis processos empregados na criação dos belos cavalos puro-sangue passaram a reger a criação do homem na América e extirpar os três males do mundo – o vadio, o doente e o pobre –, pesos mortos que sobrecarregavam a sociedade. Para Monteiro Lobato, em vez de combatê-los com castigo, remédio e esmola, o tal ministério suprimiu-os. A eugenia deu cabo do primeiro; a higiene, do segundo; e a eficiência, do último. Desapareceram os peludos, os surdos-mudos, os aleijados, os loucos, os morféticos, os histéricos, os criminosos natos, os fanáticos, os gramáticos, os místicos, os retóricos, os vigaristas, os corruptores de donzelas, as prostitutas, a legião inteira dos malformados no físico e na moral. O eugenismo resolvera todos os problemas morais, colocando a nação nos píncaros da modernidade racional e da beleza corporal.

A população negra fora submetida às mesmas medidas restritivas, mas apesar disso apresentara índices alarmantes de crescimento. Em 2228, contavam os negros 108 milhões, contra 206 milhões de brancos.⁷⁴ Queriam os brancos a expatriação dos negros para a Amazônia, enquanto os negros, a divisão da América. Ia assim a polêmica por ocasião da eleição do 87º presidente dos Estados Unidos. O partido dos brancos – reunião perfeita de Democratas e Republicanos – via-se porém em apuros. Estava cindido pelo movimento feminista que resolvera sair com candidatura própria. Ese fato possibilitou a vitória de Jim Roy, líder negro. O final da história? As mulheres arrependem-se e pediram perdão. Reconciliaram-se. Jim Roy não assumiu a presidência. Antes que isso acontecesse, os negros em massa usaram uma fórmula química para desencarapinhar os cabelos – fabricada por um dos deputados. O produto era esterilizante. “A raça negra estava exterminada”, na “maior operação cirúrgica de massa da humanidade”.⁷⁵ Final feliz com o domínio dos homens brancos. Sociedade perfeita.

No romance de Adalzira Bittencourt, *Sua Excia...*, quando a urbanista nova-iorquina senhora Mac Dower viera, “a convite do Brasil”, estudar o embelezamento das cidades realizado pelas urbanistas brasileiras, impressionou-se com o fato de que já não via “nenhum preto, nem sequer uma carapinha, nem um mulato, nem um mestiço. Só criaturas claras e formosas”. “Que é? – perguntou-lhe a presidente do Brasil, Mariângela de Albuquerque – recambiamos todos os pretos, até a 20ª geração... Devolvemos todos para a África.”⁷⁶

O Brasil perfeito de Adalzira Bittencourt, no ano de 2500, dois séculos depois dos Estados Unidos, tornara-se também

⁷⁴ LOBATO, 1945, p. 89.

⁷⁵ LOBATO, 1945, p. 191.

⁷⁶ BITTENCOURT, 1996, p. 194.

⁷⁷ BITENCOURT, 1996, p. 203.

moderno, racional, científico, sob os efeitos da eugenia. A raça brasileira estava definida. “A questão da formação da raça empolgava sobremaneira o brasileiro, cujo físico já se distinguia entre os naturais de todos os outros recantos da terra, já pela sua beleza, já pela sua destreza, já pela sua saúde, vivacidade e inteligência.”⁷⁷ Na Casa Nacional da Criança, as crianças eram separadas por pontuação no exame de saúde física e mental. As que ficassem abaixo de 500 pontos eram esterilizadas; as outras, submetidas à educação com o fim de atingirem a meta dos 1.000 pontos. Devido à contagem de pontos e à esterilização de grande número de indivíduos, centenas e centenas de casais não podiam ter filhos. Estes dirigiam-se ao “Palácio das Princesas do Brasil”, onde podiam adquirir filhos adotivos a peso de ouro, filhos das Princesas do Brasil, nobres damas de sangue azul, selecionadas pelo governo entre as moças que possuísem 1.000 pontos de perfeição física e que fossem de uma formosura extraordinária. No Palácio das Princesas do Brasil, em grandes festas, elas recebiam rapazes escolhidos entre a mais fina estirpe da sociedade: oficiais do exército ou da marinha, os jovens mais formosos da cidade, que possuísem, além dos 1.000 pontos, a perfeição física, uma formosura encantadora e uma moral ilibada, comprovada documentalmente. A jovem candidata à honra da maternidade escolhia entre os príncipes da festa aquele que mais lhe agradasse, como esposo temporário de alguns meses. Foi na festa suntuosa do palácio encantado das princesas, no ano de 2471, que fora concebida a presidente da República, Mariângela de Albuquerque, que “ao nascer trazia toda a beleza física de sua mãe, a mais formosa princesa de então, e toda a energia moral, e a fortaleza de ânimo de seu pai, um jovem oficial do Exército Brasileiro. Fora criada por um casal cheio de sentimentos nobres que a adotaram...”⁷⁸

⁷⁸ BITENCOURT, 1996, p. 205.

Tanto pode nos parecer estranho ver uma escrita feminina e/ou feminista tão próxima do discurso masculino, quanto ver Monteiro Lobato associado às idéias eugenistas no Brasil. Porém, seu *Problema vital* fora a primeira atividade da Sociedade Eugênica de São Paulo, junto com a liga Pró-Saneamento do Brasil. O livro foi prefaciado pelo doutor Renato Kehl, o principal propagandista e articulador das teorias eugenistas no Brasil, fundador da Sociedade Eugênica de São Paulo (1918), do *Boletim de Eugenia* (1929) e da Comissão Brasileira de Eugenia (1931). O tema trabalhado por Monteiro Lobato, criador do Jeca-Tatu, típico brasileiro a ser regenerado pela eugenia, em *Problema vital*, era o da “decadência biológica do homem brasileiro”, cuja saída seria o saneamento e a higienização das condições de vida da população. Monteiro Lobato

⁷⁹ BIZZO, 1994, p. 99.

acreditava na eficiência e na propriedade das políticas eugênicas para o progresso nacional, inseridas no âmbito das ações de saneamento.⁷⁹

⁸⁰ BIZZO, 1994, p.100.

Adalzira Bittencourt e Monteiro Lobato, portanto, navegam no imaginário do Brasil moderno. A armação 'ideológica' das respectivas narrativas ficcionais – embora a de Adalzira situe-se no espaço brasileiro e a de Lobato, fora dele – dá direção à visão de nação e está plenamente encaixada no desenho de um projeto político-cultural à direita conservadora. Isso apesar de Monteiro Lobato ser conhecido com uma imagem “irremediavelmente ligada às tendências políticas nacionalistas de esquerda”⁸⁰ e Adalzira ser citada pelos estudos feministas recentes como membro da Tribuna do Júri e como “incansável defensora dos direitos legais das crianças”.⁸¹ Ambos enveredaram pelo nacionalismo retumbante das décadas de 1920 e 1930; pelo caminho do progresso através da eugenia, do higienismo e do sanitarismo; pelo debate em torno de políticas culturais que criassem o tipo-padrão brasileiro, respaldado no tripé saúde–força–beleza. Ou seja, beberam no alambique intelectual coetâneo e comungaram do desejo de modernidade e da formação da nacionalidade, o que significava tocar enfaticamente no condão racial. Em ambos, os problemas presentes jogados para o passado e para o futuro realizado e trazido para o tempo presente da ficção deram sentido à compreensão da nação e às potencialidades a serem concretizadas.

⁸¹ QUINLAN e SHARPE, 1996, p. 19.

Convém lembrar que a ligação entre eugenia e 'direita' advém da falsa concepção de que toda e qualquer proposta de melhoramento racial esteja apenas ligada ao nazismo. No entanto, a eugenia não só fora extremamente utilizada nos Estados Unidos, na Inglaterra e, com menos intensidade, no resto da Europa e da América, como também movimentos importantes de esquerda adotaram programas eugênicos em suas plataformas políticas. Há vários exemplos na Inglaterra de comunistas e socialistas que se destacaram pela atuação política e pela obra teórica que deixaram, como defensores de programas eugênicos.⁸²

⁸² BIZZO, 1994, p. 100.

Agora, a despeito de tantas convergências, ou melhor, da *falta* de especificidade entre o imaginário masculino e o feminino dentro da cultura política das décadas de 1920 e 1930 no Brasil, inclusive quando se refere à ênfase que se deu ao papel da mulher-mãe na regeneração da nação, veremos que, quando se tratar da distribuição do *poder*, ou seja, da distribuição dos papéis políticos na constituição imaginária da sociedade, então, temos nuances, divergências; os dissensos emergem, os conflitos afloram, a misoginia dá-se às claras. Ambos, Bittencourt e Lobato, transitaram pela “Idade de

⁸³ LEITE, 1984, p. 8.

⁸⁴ FLORES, 2001.

⁸⁵ Jacques RIDER, 1992.

⁸⁶ Elisabeth BADINTER, 1993, p. 15.

⁸⁷ BITTENCOURT, 1996, p. 160.

⁸⁸ BITTENCOURT, 1996, p. 168.

⁸⁹ BITTENCOURT, 1996, p. 198.

⁹⁰ Grifo meu para chamar a atenção para o fato de que Adalzira refere-se ao homem enquanto gênero masculino e não enquanto gênero universal. Na sua campanha feminista, caberia à mulher o governo para consertar o mundo governado pelo homem.

⁹¹ BITTENCOURT, 1996, p. 170.

⁹² BITTENCOURT, 1996, p. 163.

⁹³ BITTENCOURT, 1996, p. 162.

ouro do feminismo”⁸³ com suas questões referentes à igualdade de sexo, ao voto feminino e à propalada masculinização das mulheres, e o sentimento de crise da identidade masculina e de feminização dos homens.⁸⁴ A visível afirmação feminina na virada do século XIX para o XX, na Europa, nos Estados Unidos e na América Latina, provocara uma sensação de crise de identidade masculina, o que fez com que surgisse uma recrudescência de obras difamatórias do sexo feminino, centradas no propalado caráter ontológico físico e mental da mulher-mãe.⁸⁵ A mulher independente, ativa e reivindicadora era o antípoda da mulher doce e passiva; era “um homem num corpo feminino, um virago”.⁸⁶

O país perfeito de Adalzira Bittencourt era governado com grande sucesso por Mariângela de Albuquerque, cercada de suas auxiliares – técnicas, engenheiras, educadoras. “O feminismo vencera em toda a linha.”⁸⁷ Deolinda Daltro, que fora “vaiada a seu tempo, pelas suas reivindicações”, metaforicamente, aparecia em uma estátua em praça pública. Fora inútil o antifeminismo dos homens no romance de Adalzira. “Aqueles mulheres do tempo de Berta Lutz sabiam já que seriam as mulheres que deviam salvar o Brasil”.⁸⁸ A mulher despira-se da indumentária do século XIX para poder progredir. “E o homem? O ser inteligente e único? Continuou pelos séculos afora com o mesmo costume e com os seus 80 botões a abotoar e a desabotoar diariamente! Fez um progresso. Um único. Substituí as ceroulas compridas de amarrar nos tornozelos, por umas cuecas pelos joelhos sem o componente cadarcinho!”⁸⁹

Adalzira Bittencourt vai tecendo uma crítica contundente ao governo masculino que imperava no Brasil da década de 1920. Enquanto tanto se empenhavam os *homens*⁹⁰ na seleção dos animais, “o brasileiro continuava analfabeto, carcomido de amarelão, trêmulo de maleita, carregado de sífilis, empestado até a alma”.⁹¹ Fora preciso o feminismo vencer, para acabar com a “crise financeira, câmbio baixo, solo vazio, gente analfabeta, capital estrangeiro, cientistas estrangeiros, corrupção, políticos autocratas, chatos e estúpidos”;⁹² levar a cabo um programa de reformas políticas, morais e sociais; e *sanar* a nação de “Mirrados. Neurastênicos. Pequenos. Trigueiros. Doentes. Feios. Pobres. Analfabetos. Malcriados e estúpidos. Homens de barbinha rala e fala fina, quase sempre tendo nas veias um pouco de sangue de negro e, por isso mesmo, preguiçosos, indolentes... cheios de taras e doenças. Mulheres raquíticas ou de excessiva gordura balofa, estéreis, sardentas, espinhentas, incultas, pretensiosas, cabotinas e feias”.⁹³ O movimento feminista, e a conseqüente liberação da mulher, fora a alavanca do progresso de seus país utópico, e, significativamente, fora a alavanca da superação do governo dos homens do passado também superado. “Os legisladores de outrora só apresentavam projetos de leis tolos, com os quais

o Brasil andava quase sempre em marcha à ré. As boas idéias nascidas outrora em cérebros masculinos ficavam dormindo nos arquivos das Câmaras, onde morriam esquecidas com o correr dos tempos.”⁹⁴

⁹⁴ BITTENCOURT, 1996, p. 168.

Na sua crítica ao masculinismo, os homens teriam sido imprudentes e tolos ao lutarem contra o feminismo. No país utópico, tiveram que reconhecer com simpatia a ação das mulheres e tantas boas inovações no seu governo. Penitenciavam-se “do tempo em que, se a mulher falava em reivindicação de direitos, em igualdade de direitos civis, em aquisição de direitos políticos, em direitos eleitorais, em voto, ouvia sempre a mesma cantinela: ‘A mulher é o anjo do lar’. ‘Precisamos conservar as tradições dos nossos antepassados’ (...) ‘Não pode.’ E diziam: ‘A mulher conseguindo o direito de voto vai desorganizar a família’. ‘Façamos guerra. Barremos a passagem’”.⁹⁵

⁹⁵ BITTENCOURT, 1996, p. 168.

Não teria o próprio Monteiro Lobato encarnado essa imagem retrógrada? Com sua escrita política fez crítica ao feminismo que, caricaturado por ele, contribuíra para a tragédia norte-americana. “A política feminina era mais felina e muito mais pitoresca que a dos negros.”⁹⁶ A mulher era uma criatura habilíssima, rica de todos os dotes de inteligência, da cultura e da maquiavélica sagacidade feminina. Colocara em jogo o poder do partido masculino. Dividira o eleitorado branco. Segundo Monteiro Lobato, quando no mundo surgiu o feminismo, toda a gente supôs que a solução do problema da mulher estava em nivelá-la ao homem pela cultura e igualdade de direitos. A cultura criada pelo homem não se adaptava ao cérebro da mulher, influenciado por certas glândulas misteriosas. Falhara por isso o feminismo. “De toda a sua agitação só veio a resultar uma coisa: a feminista, a odiosa mulher-homem que pensava com idéias de homem, usava colarinhos de homem, conseguindo com isso apenas... não ser homem nem mulher.”⁹⁷ Monteiro Lobato fazia coro com a misoginia e o antifeminismo que se abateram sobre a campanha de reivindicações femininas.

⁹⁶ LOBATO, 1945, p. 95.

⁹⁷ LOBATO, 1945, p. 99.

As mulheres em *O presidente negro...* modernizaram-se. Eram eleitoras. Tornaram-se livres. Não “recordavam socialmente as pobres cativas de dantes, forçadas a girar no triângulo – casamento, celibato à força ou promiscuidade”.⁹⁸ Competiam com os homens em todas as profissões em um absoluto pé de igualdade, realizando o velho ideal da independência. Eram belíssimas. “Não mais evocavam fisicamente suas avós, magras uma, outras gordas, esta toda nádega, aquela uma tábua ou de enormes seios e dentes de cavalo – verdadeiras monstruosidades anatômicas. Eram finas, sem magrezas, ágeis sem macaquice, treinadas de músculos por meio de sábios esportes”.⁹⁹ De repente, em um rasgo de misoginia, Monteiro Lobato acrescenta que elas alcançaram a beleza, porém a

⁹⁸ LOBATO, 1945, p. 106.

⁹⁹ LOBATO, 1945, p. 107.

¹⁰⁰ LOBATO, 1945, p. 107.

¹⁰¹ LOBATO, 1945, p. 107.

¹⁰² FLORES, 1999; e STEFAN, 1991. É infundável o número de publicações, no Brasil, nos Estados Unidos e na Inglaterra, relacionada ao tema. Cultivar a raça tornou-se assunto de mulher, e os compêndios traziam desde os cuidados com a menstruação, a masturbação, cuidados com os bebês e com o próprio corpo até o uso de cosméticos e embelezamento. No Brasil, além de Afrânio Peixoto, na área da Educação e Medicina Legal, e Hernani de Irajá, como médico sexólogo, foi o doutor Renato Kehl o maior dinamizador e o que teve maior produção literária no tema.

¹⁰³ Marina MALUF e Maria Lúcia MOTT, 1998, p. 367-421.

beleza nervosa das éguas puro-sangue e “já não necessitavam os homens de dedicar-se aos cavalos para satisfação da ânsia secreta da beleza perfeita”.¹⁰⁰ E com tanta conquista, apesar de toda liberdade alcançada pelas mulheres, os filhos deveriam lhes pertencer e não ao progenitor, dentro de um sistema patriarcal, “mais natureza”, visto que “o filho é mais da mãe do que do pai na proporção de nove meses para meio minuto”.¹⁰¹ O ônus da *perfectibilidade* da sociedade norte-americana coube à maternidade perfeita, eugênica, responsável.

Conclusão

Como toda utopia moderna, a utopia de Adalzir Bittencourt elabora-se sobre este duplo axial: um mítico, voltado para a tradição; e outro utópico, voltado para a imaginação inovadora. No Brasil, entre a utopia da modernidade e o modernismo estético da Semana de 22 e seus desdobramentos, associa-se a visão do Brasil de passado colonial com o sonho da nação moderna.

O imaginário nacionalista, o sonho da identidade nacional, abrigou homens e mulheres, modernistas e não-modernistas, modernistas e/ou feministas de vários matizes. O nacionalismo de matiz fascista, ou seja, a noção de melhoramento racial e embelezamento da nação e configuração étnica, agenciou o desejo feminino na direção dos projetos nacionais autoritários. A *intelligentsia* – médicos, sexólogos, psicólogos, educadores, sociólogos, ensaístas, a Igreja e o Estado, a Imprensa – reforçou o papel maternal da mulher. Os homossexuais, os masturbadores, os portadores de taras sexuais, os loucos, leprosos, tuberculosos, sífilíticos, os que possuíam órgãos genitais mal adaptados à cópula, etc. do sexo masculino foram atingidos pela cultura moderna de raça. Mas a eugenia dizia respeito especialmente à mulher através dos eventos reprodutivos: concepção da prole, nascimento e criação.¹⁰² Alastrou-se uma espécie de “pedagogia do casamento” para encaixar a mulher no papel de “rainha do lar”, estribada no tripé mãe–esposa–dona de casa,¹⁰³ pedagogia pensada, articulada, distribuída, investida, por homens e mulheres imbuídos do desejo de modernidade para a nação brasileira.

A eugenia, definida como um movimento de melhoria da raça, ou, quando é o caso, preservação da pureza da raça, como ciência baseou-se nas leis sobre a hereditariedade humana, e como política social propôs intervenções na população de forma a assegurar a ‘boa geração’ pela ‘higiene sexual’, o que seria alcançado por uma profunda reforma moral e espiritual. Há uma junção, portanto, que intersecta gênero e reprodução da prole no momento em que as nações empreenderam políticas populacionais para configurar a etnia

de cada país. A maternidade tornou-se, então, o campo discursivo, em que o corpo, a alma e a personalidade da mulher se viram estrangidos em uma armadura do papel de gênero prescrito para sua estrutura biológica. Os temas da missão regeneradora da pátria, a formação do caráter do futuro cidadão, a saúde física de homens e mulheres fizeram recrudescer o discurso centrado na visão ontológica do corpo biológico da mulher procriadora.¹⁰⁴ Discurso esse direcionado a elas como co-participantes na construção da nacionalidade. “O Criador ordenou para esse fim [a maternidade] todas as qualidades do ser próprio da mulher: o seu organismo, o seu espírito e, sobretudo, a sua sensibilidade...” afirmou Pio XII.¹⁰⁵

¹⁰⁴ FLORES, 2001.

¹⁰⁵ Papa Pio XII, em sermão, em 1945, a 3 mil mulheres da Ação Católica. Apud Plínio SALGADO, 1949, p. 75.

Referências bibliográficas

- ALVES, Branca M.; PITANGUY, Jacqueline. *O que é feminismo*. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- ALVES, Branca Moreira. *Ideologia e feminismo: a luta da mulher pelo voto no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1980.
- BACZKO, Bronislaw. “Utopia”. In: ENCICLOPÉDIA EINAUDI. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1985. v. 5. p. 333-396.
- BADINTER, Elizabeth. *Sobre a identidade masculina*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- BARKAN, Elazar. *The Retreat of Scientific Racism: Changing Concepts of Race in Britain and the United States between the World Wars*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.
- BEIRED, José Luis B. *Autoritarismo e nacionalismo: o campo intelectual da nova direita no Brasil e na Argentina – 1914-1945*. 1996. Tese (Doutorado em História) – USP, São Paulo.
- BITTENCOURT, Adalzira. “Sua Excia. a presidente da República no ano de 2.500”. In: QUINLAN, Susan C.; SHARPE, Peggy. (Orgs.). *Duas modernistas esquecidas: Adalzira Bittencourt e Ercília Nogueira Cobra: visões do passado, previsões do futuro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/UFJF, 1996.
- BIZZO, Nélio Marco Vincenzo. *Meninos do Brasil: idéias sobre reprodução, eugenia e cidadania na escola*. 1994. Tese de Livre-Docência – USP, São Paulo.
- BOLETIM DE EUGENIA. Rio de Janeiro, n. 5, maio 1929.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.
- CONGRESSO BRASILEIRO DE EUGENIA, 1., 1941, Rio de Janeiro. *Anais*.
- CONGRESSO DE BRASILIDADE, 1., 1941. *Anais*.
- FABRIS, Annateresa. *O futurismo paulista*. São Paulo: Perspectiva/ Editora da USP, 1994.
- FLORES, Maria Bernardete Ramos. “O amor-perfeito ou a medicalização do sexo”. In: SILVA, Alcione. L.; LAGO, Mara.

- C.; RAMOS, Tânia. (Orgs.). *Falas de gênero*. Florianópolis: Editora das Mulheres, 1999. p. 203-234.
- _____. "A política da beleza: nacionalismo, corpo e sexualidade no projeto de padronização brasileira". *Diálogos Latinoamericanos*, Centro de Estudos Latinoamericanos, Universidad de Aarhus, Dinamarca, n. 1/2000. p. 88-109.
- _____. *O mito de Adão e Eva revisitado: acerca do masculino e do feminino na cultura da Nação. Faces de Eva – Estudos sobre a Mulher*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa/Edições Colibri, n. 6, p. 59-86, 2001.
- FLORESTA, Nísia. *Opúsculo humanitário*. Introdução e notas de Peggy Sharpe-Valadares. São Paulo: Cortez, 1989.
- HAHNER, June E. *A mulher no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- HELLER, Bárbara. "Recepção da leitura feminina no Brasil: análise de: Revista Feminina (1915/1926); Álbum das Meninas (1898/1900) e A Cigarra (1914/1930)". In: SEMINÁRIO NACIONAL – MULHER E LITERATURA, 8., 2001, Salvador. *Anais...* Salvador: Quarteto Editora/FD Informática, 2001. 1 CD.
- HERSCHMANN, Micael M.; PEREIRA, Carlos A. M. "O imaginário moderno no Brasil". In: *A invenção do Brasil moderno: medicina, educação e engenharia nos anos 20-30*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- HOLLANDA, Heloísa Buarque de. "Os estudos sobre mulher e literatura no Brasil: uma primeira avaliação". In: COSTA, Albertina de O.; BRUSCHINI, Cristina. *Uma questão de gênero*. São Paulo: Rosa dos Tempos/Fundação Carlos Chagas, 1992. p. 54-92.
- IVO, Ledo. "O principal do príncipe". In: ALMEIDA, Guilherme de. *A raça*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972.
- LEITE, Miriam L. Moreira. *Outra face do feminismo: Maria Lacerda de Moura*. São Paulo: Ática, 1984.
- LOBATO, Monteiro. *O presidente negro ou o choque das raças: romance americano do ano 2228*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1945.
- MALUF, Marina; MOTT, Maria Lúcia. "Recônditos do mundo feminino". In: *História da vida privada no Brasil*, 3. São Paulo: Cia. das Letras, 1998. p. 367-422.
- MATÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997.
- PÉCAUT, Daniel. *Os intelectuais e a política no Brasil: entre o povo e a nação*. São Paulo: Ática, 1990.
- PERROT, Michelle. Préface. In: BARD, Christine. (Org.). *Un siècle d'antiféminisme*. Paris: Fayard, 1995.
- QUINLAN, Susan C.; SHARPE, Peggy. *Dois modernistas esquecidas: Adalza Bittencourt e Ercília Nogueira Cobra: visões do passado, previsões do futuro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/UFG, 1996.

- RAGO, Margareth. "Adeus ao feminismo? Feminismo e pós-modernidade no Brasil". *Cadernos AEL*, n. 3/4, p. 12-43, 1995/1996.
- RANCIÈRE, Jacques. *Política da escrita*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.
- RIDER, Jacques Le. *A modernidade vienense e as crises de identidade*. Tradução de Elena Gaidano. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992.
- RIoux, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François. *Para uma história cultural*. Lisboa: Estampa, 1998.
- SALGADO, Plínio. *A mulher no século XX*. São Paulo: Guanumby, 1949.
- SARLO, Beatriz. *Paisagens imaginárias: intelectuais, arte e meios de comunicação*. São Paulo: EDUSP, 1997.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.
- SCHWARTZMAN, Simon. *Tempos de Capanema*. Rio de Janeiro: Paz e Terra; São Paulo: USP, 1984.
- SEVCENKO, Nicolau. *O orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.
- _____. "Introdução: O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso". In: *História da vida privada Brasileira*, 3. São Paulo: Cia. das Letras, 1998. p. 7-48.
- SMITH, Anthony D. *A identidade nacional*. Lisboa: Gradiva, 1997.
- SONTAG, Susan. *Na América*. Lisboa: Gótica, 2001.
- STEFAN, Nancy Leys. *The Hour of Eugenics: Race, Gender, and Nation in Latin America*. Ithaca: Cornell University Press, 1991.
- TELES, Maria Amélia de Almeida. *Breve história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- VASCONCELLOS, Gilberto. *A ideologia curupira: análise do discurso integralista*. São Paulo: Brasiliense, 1979.

[Recebido em janeiro de 2002 e aceito para publicação em abril de 2002]

To Brazil of my Dreams: Feminism and Modernism in the Utopia of Adalzir Bittencourt

Abstract: This essay articulates Brazilian writer Adalzir Bittencourt's feminism to the modernist movement in Brazil, drawing relationships between her modernist utopia – which cannot be restricted to concerns about women's power – and the national dream that projected the nation in the 1920s. It also articulates Bittencourt's brand of feminism – in line with the Feminine Republican Party's ideology (in the 1920s and 1930s) and under the influence of eugenic laws or hygienic practices – with the hegemonic discourses emphasizing maternity as women's mission in improving both the race and the nation,.

Keywords: feminism, modernism, eugenics, nationalism.